

Sobre Comunidade

José Mauricio de Carvalho – IPTAN

E-mail: josemauriciodecarvalho@gmail.com

Data de recepção: 19/07/2016

Data de aprovação: 10/05/2017

Resenha: BUBER, Martin. *Sobre Comunidade*. Introdução e seleção de Marcelo Dascal e Oscar Zimmermann. São Paulo, Perspectivas, 2008.

Este livro reúne sete ensaios de Martin Buber dedicados a questões sociais, onde ele contrapõe o conceito de comunidade à sociedade de massas. A segunda apresenta-se como evolução da primeira e é associada às dificuldades do homem contemporâneo.

No primeiro ensaio intitulado *Nova e antiga comunidade*, Buber não considera a sociedade histórica, o Estado, como evolução irreversível da primitiva comunidade humana como aponta Tönnies, mas como um modelo possível de ser resgatado. Sobre a finalidade da comunidade Buber explica que é responder aos desafios da vida. Afirma Buber(2008, p. 34): “A comunidade que imaginamos é somente uma expressão de transbordante anseio pela Vida em sua totalidade. Toda Vida nasce de comunidades e aspira a comunidades. A comunidade é o fim de toda vida.” Uma comunidade assim pensada não se destina a resolver assuntos econômicos ou utilitários, nem tem origem religiosa. Ele explica que as primeiras comunidades querem obter vantagens da associação. Uma comunidade é isenta de interesses. Sua raiz Buber encontra no mais íntimo do homem onde reside (BUBER, 2008, p. 36): “a mais antiga comunidade com o gênero humano e o cosmo.” Portanto, ao mergulhar em sua intimidade mais profunda, o homem encontra as bases para viver com os outros seres. A vida comum mais verdadeira, portanto, não é imposta de fora, ela nasce como exigência íntima. Porém, nem toda vida em sociedade se torna comunidade, isso somente ocorre quando for a vida profunda que conduz o grupo, mais do que as convenções e regras estabelecidas. Assim a nova comunidade que se busca está não aquém, mas além da vida social, pois ela ultrapassa as regras criadas pelo grupo. Chega-se, dessa forma conceber uma nova forma de revolução, onde não é preciso destruir as regras antigas para criar outras, (BUBER, 2008, p. 38): “mas viver coisas novas”, mesmo que em condições adversas. Nessa nova comunidade o que motivará os homens a viverem juntos não é a divisão de trabalho, ou interesses, mas o amor. O que alimenta a nova comunidade é a escolha e não mais o sangue, como foi nas primitivas comunidades.

O segundo texto é o prefácio que Buber escreveu para a coleção *Die Gesellschaft*, em 1905. A coleção contemplava diferentes aspectos da vida social, cientificamente conduzidos, sobre o que

ele denominava inter-humano. Acreditava abordar, assim, de forma completa os diversos aspectos da vida social. Inter-humano são (BUBER, 2008, p. 41): “as formas, estruturas, e ações da vida comunitária dos homens”. Inter-humano se refere, pois, àqueles aspectos da vida social onde o sujeito participa de forma impessoal, exercendo uma função. Uma sociedade como o atual funciona através dessas relações e estruturas. E o que são as estruturas inter-humanas? (BUBER, 2008, p. 42): “são manifestações objetivas da coletividade humana, os valores, os elementos de mediação espiritual e econômica, os responsáveis reais da produção, as criações comunitárias da cultura, todos os produtos da associação”. São, assim parece, os elementos constituintes do que veio a ser entendido como cultura. Cabe a Sociologia estudar as formas dessas relações, a Ética, a Economia, a Teoria do Estado e as estruturas da sociedade. Todas essas disciplinas se conectam à Psicologia, embora os meandros do psiquismo humano exija abordagem específica. Eis como o indivíduo se vincula ao grupo (BUBER, 2008, p. 43): “o social se forma por percepções e manifestações da vontade e desperta novas percepções e manifestações da vontade”. Explicado desse modo parte do processo é vivido pelo indivíduo no que Buber denomina psicossocial e outra parte não. A primeira contém as representações sociais, desejos e sentimentos e a outra as formas, estruturas e ações inter-humanas.

O terceiro texto denominado *Palavras à época* foi escrito depois da Iª Grande Guerra e revela mudanças na forma como Buber trata os assuntos sociais. Ele se revela, então, mais próximo do judaísmo e desencantado com a experiência socialista e as possibilidades do Estado Moderno. Na primeira parte do texto ele discute conceitos fundamentais e na segunda avalia a posição do sociólogo Ferdinand Tönnies, para quem a sociedade moderna é evolução irreversível das primitivas comunidades orgânicas. A primeira parte denominada *Princípios* apresenta conceitos importantes para o estudo das sociedades. O homem é apresentado como (p. 45): “criatura na qual a imagem divina da existência universal é realizada não como sonho (...), mas como dons naturais de que ele ambiciona desenvolver”. A terra é definida como (p. 46): “propriedade de Deus e, portanto, propriedade comum a todos”. O trabalho, por sua vez, é entendido como “culto à propriedade de Deus” (BUBER, 2008, p. 46), a ajuda é compreendida como “ação generosa e apaziguadora do homem com as criaturas e particularmente nobre e construtiva para com os homens”. Quanto ao espírito autêntico, ele explica, é aquele desejoso de Deus, não das fórmulas religiosas, organização eclesiástica ou estatal, mas do intento de construir comunidade. Comunidade é definida como (BUBER, 2008, p. 47): “união de homens em nome de Deus numa instância viva de sua realização” e a união dos diversos sistemas comunitários (BUBER, 2008, p. 48): “deve ser chamada de humanidade”.

A segunda parte desse terceiro texto tem por título *Comunidade*. O autor contrapõe as noções de Comunidade e Sociedade, sendo a primeira decorrente da vontade original do homem de viver junto e a sociedade (BUBER, 2008, p. 50): “expressão do desejo diferenciado de tirar vantagens, gerado por pensamento isolado da totalidade”. Os estudos da Sociologia moderna, notadamente os de Tönnies, entendem a Sociedade atual como evolução da comunidade primitiva no sentido da eficiência. Embora tenha assumido aparência orgânica é, na verdade, formado por uma massa. Para enfrentar a desagregação social moderna a tentativa ideológica construída nesse tempo histórico é o socialismo. No entanto, parece a Buber, que o estado socialista moderno não recupera, antes destrói a unidade primitiva ou necessária à vida comunitária. Seria esse caminho em direção à sociedade moderna um caminho inexorável da história humana, pergunta-se? O texto é uma tentativa de dizer

que não, embora não se trate de voltar atrás, mas de seguir em frente. Essa nova comunidade somente recuperaria os elementos da primitiva resgatando as relações no nível do Tu, que ele descreveu no livro *Eu - Tu*. Essas relações, em síntese, são as que com (BUBER, 2008, p. 53): “autêntico olhar encontra seu parceiro”. Se pudéssemos considerar um socialismo que aponta para a vida comunitária teria que ser um socialismo religioso, não ideológico e radicalmente diferente do que se desenvolveu no mundo moderno. Esse novo socialismo seria (BUBER, 2008, p. 54): “conduzido pela aspiração que sente toda a humanidade autêntica pela comunidade como manifestação de Deus”. A sociedade moderna, embora tenha a aparência orgânica, pela eficiência controlada pelo Estado, é semelhante a um organismo de células agonizantes. A Comunidade, ao contrário, é formada (BUBER, 2008, p. 56): “por pequenas comunidades vivas, por organismos celulares fortes em coexistência sem mediação, que entram em relação direta e vital, uns com os outros”. Para a constituição dessa Comunidade é necessário que os homens (BUBER, 2008, p. 57): “se despojem de muitas vantagens e privilégios particulares para o bem da Comunidade e tomem parte de sua economia comunitária”. Essa é uma forma de participação diferente da que vive o cidadão na República moderna (BUBER, 2008, p. 58), “sem vínculo e de modo fictício”. Parece a Buber que a noção de humanidade somente pode ser construída pela recuperação dessa noção de Comunidade. Essa Comunidade a ser construída não se faz sem o anseio por Deus. Explica (BUBER, 2008, p. 61): “Todo desejo de verdadeira aliança conduz a Deus, e todo desejo de Deus conduz à verdadeira comunidade”.

O quarto texto, elaborado em fevereiro de 1924, é intitulado *Estado e Comunidade* e examina estas duas realidades. Ele explica que estudar como esses conceitos se relacionam na Alemanha é emblemático de como as coisas se passam em outros povos. Ele comenta a diferença entre o modo como a juventude pensava o Estado no início da Primeira Grande Guerra e ao final dela. Evoluiu-se de um entusiasmo quase religioso que aproximava os dois conceitos para a compreensão da diferença entre eles. Explica Buber (2008, p. 65): “O Estado transformou-se hoje numa força coercitiva no seio da qual se nasce, e a qual se aceita - declaradamente ou não - devido à segurança quer externa, quer interna, que ele oferece”. E a mudança na compreensão do papel do Estado levou a juventude à revolta, pois o Estado não é objeto de amor. O distanciamento do Estado para com os cidadãos mostrava sua diferença para as primitivas comunidades (BUBER, 2008, p. 67): “onde o indivíduo estava envolto numa legalidade religiosa quase indestrutível”. A mudança de compreensão do papel do Estado provocou o desespero ou desencanto da juventude. O desespero revelava como se iludira a juventude que esperou do Estado o que ele não podia dar. E por que não se pode construir o Estado como uma Comunidade? Por que Ele não se tornou objeto de devoção? Explica Buber (BUBER, 2008, p. 69): “não havia mais lugar para a construção de um Estado à maneira de uma Igreja”. E não havia porque (BUBER, 2008, p. 69.): “a Igreja já não existe mais, naquele sentido de realidade e vida”. Uma Comunidade somente surge se as relações entre seus membros for de verdadeira vida. Uma Comunidade necessita de um centro dinâmico, ao qual seus membros se ligam como os raios de um círculo. Então avalia Buber, temos Estados favoráveis e não favoráveis a evolução em direção à Comunidade, conforme favoreçam ou não as autênticas relações entre os homens. Quando o homem que possui vida autêntica ele decide todos os dias o que poderá realizar, até onde poderá ir. Daí a compreensão de comunidade (BUBER, 2008, p. 74): “como a que se baseia na vida comum dos homens”. Quanto ao insucesso da Revolução Socialista da Rússia, Buber avalia que a razão era que os soviets não tinham vida verdadeira e que o processo político era comandado (BUBER, 2008,

p. 76): “por uma minoria, amorfa, indefinida, uma minoria do partido” que pretendia ser maioria. Portanto, o centralismo do Estado (BUBER, 2008, p. 77): “é ineficaz e falacioso se não estabelecer autênticas e vivas comunidades”. E a juventude alemã não conseguira realizar o que sonhara porque não havia relação positiva com as realidades comunitárias. O mal do Estado nasce das relações superficiais entre seus membros. As relações verdadeiras, ao contrário, não são superficiais e exigem responsabilidade pelo outro naquele sentido de relacionamento sintetizado por Eu-Tu.

O quinto texto intitulado *Educação para a Comunidade* é uma palestra que foi proferida em abril de 1929. Nela Buber explica que a educação para a Comunidade é educação para a convivência. Uma educação dessa natureza reconhece o outro como um Tu, isto é, alguém que é totalidade, um mundo da linguagem fenomenológica. Relações nesse nível são aquelas concretamente realizadas entre as pessoas e se estabelecem no âmbito da moralidade. Buber explica o que isso significa, mesmo sem denominá-las de éticas, apresenta-as como aquelas relações (BUBER, 2008, p. 88): “em que um homem não seja um meio para outros conseguirem um fim, que um não use o outro, mas que o considere um ser vivo que está diante dele”. Não é difícil enxergar nessas palavras do filósofo o imperativo categórico de Kant. O autor afirma que o Estado alemão não é um espaço comunitário, embora os jovens que foram a Guerra em 1914 tivessem essa ilusão. E ele acrescenta que Comunidade (BUBER, 2008, p. 85): “abrange toda a vida, toda a existência natural do homem, não excluindo nada dela”. Um grupo à parte da vida mesma não é Comunidade. Afirma em seguida: uma educação para a Comunidade se faz nela. E como se promove tal educação? Buber a resume em cinco pontos: 1. a educação onde os professores formam Comunidade entre eles; 2. onde a relação entre professores e alunos tenham esse mesmo espírito comunitário; 3. onde exista interação entre alunos de diferentes idades; 4. em que também exista interação entre os sexos e, finalmente, 5. onde haja a relação entre escola e lar. Um bom exemplo dessa aproximação entre escola e lar era o chamado Conselho de pais, que Buber via funcionar na educação pública alemã. Quanto aos conteúdos eles também seriam ministrados de um modo novo. A História, por exemplo, mais que a ênfase nas guerras entre os povos devia enfatizar as comunidades construídas pelo homem. Se fosse para falar de batalha a que importa era (BUBER, 2008, p. 98): “a batalha empreendida pela humanidade para se tornar uma comunidade”. O ensino de línguas, por sua vez, devia focar as ligações entre elas e as relações humanas. Nenhuma Comunidade pode se formar sem essa atenção para com os jovens e sem cuidar das relações entre seus membros. O grande desafio do seu tempo é que a sociedade de massas passava a errônea impressão de que os indivíduos eram membros de uma Comunidade quando verdadeiramente não eram. E a superação da sociedade de massas era a tarefa a ser realizada para fazer surgir a nova Comunidade.

O sexto texto é uma conferência pronunciada em janeiro de 1931 denominada *Indivíduo e Pessoa - Massa e Comunidade*. Nela Buber contrapõe e diferencia os quatro conceitos. Ele começa narrando uma observação, no microscópio, de uma pequena parcela do coração de um feto de galinha de cinco dias. E essa minúscula parcela do coração da ave tinha um movimento, não como o do batimento do coração, mas ainda assim um movimento. Esse fato o levou a refletir sobre os problemas que surgem quando um indivíduo é afastado da Comunidade. Ao pensar a condição de um indivíduo, Buber esclarece que não era uma realidade que pudesse ser estudada pela ciência, ou que (BUBER, 2008, p. 105): “não pode ser deduzida de nenhum método científico”. Sua referência ao indivíduo o aproxima

do que a fenomenologia existencial nomeia de mundo do existente, como se nota no texto que se segue (BUBER, 2008, p. 105): “Tendo compilado tudo isso, não poderíamos dizer simplesmente nada sobre o segredo deste determinado ser que vive aqui conosco, neste lugar da terra, entre este e aquele momento do tempo. Este segredo permaneceria intato ao nosso procedimento. Este indivíduo é a própria incompreensibilidade, essa resistência ao conhecimento da existência, da unidade de cada um de nós”. Apesar do mistério representado pelo mundo de cada indivíduo, a individualidade não revelava a personalidade. A personalidade, melhor seria dizer a condição de pessoa, somente se forma na relação com os outros. Então esse mundo de cada um só se completa na intersubjetiva, ele explica (BUBER, 2008, p. 107): “Digo este ...mundo e tu, é isso o que constrói a personalidade”. Portanto, a personalidade se entende pela relação e não pelo isolamento do indivíduo. Quanto à distinção entre Massa e Comunidade ela reside na unidade da vida que caracteriza a segunda. Massa é multidão de desagregados (BUBER, 2008, p. 109): “massa é especificamente uma necessidade, uma multiplicidade de homens” e adiante completa (ibid.): “a massa aspira por algo que está em devir, massa não é algo permanente, massa é algo carente. A vida da massa está no movimento dessa carência”. Se é um processo significa que massa é movimento, ou melhor, transição entre a Comunidade primitiva e a nova que ainda não se definiu na História. E como o indivíduo se relaciona com a massa? Ele é conduzido por ela. E quanto a pessoa, como é a relação? A pessoa não é conduzida. Ela não pode se afastar da realidade onde vive, mas tem nela um papel diferente do que tem o indivíduo. Explica o autor (BUBER, 2008, p. 111): “se este homem renuncia a essa individualidade e se apresenta diante da massa, ele só pode fazer isso na medida em que se entrega a ela sem, no entanto, render-se a ela, na medida em que a ajuda, a defende e ao mesmo tempo a domina”. Pessoa tem, portanto, esse compromisso de mudar o espaço social em que vive desde dentro. O fundamental para fazer isso é estabelecer relações no nível do Tu, que são acima daquelas que se observa no dia a dia (BUBER, 2008, p. 112): “no trabalho, negócios, sindicato, agremiação ou partido”. Note-se que essas relações no nível do Tu somente se dão na concretude da existência, no aqui e agora do sujeito situado, conforme esclarece (BUBER, 2008, p. 114): “Construa aqui e agora o que deve ser construído e se não se construir agora, através da vida dos homens, então nenhuma construção será correta”. Está nessa explicação fenomenológica existencial a raiz de uma crítica ao projeto de sociedade socialista moderna. Não se justifica um paraíso futuro construído sobre o mal, em qualquer de suas formas. A pessoa precisará ajudar a massa a buscar mais que a simples redução na jornada de trabalho, deveras infeliz, mas longe de ser seu maior problema. Seu problema reside no dilaceramento do tempo de um trabalho desumano. Então (BUBER, 2008, p. 115): “o homem como pessoa que se dedica à massa pode construir com isso mais intensamente do que qualquer um que simplesmente se engolfe na massa”. Relações pessoais são necessárias para fazer surgir um homem capaz de viver a facticidade da existência.

O texto final é uma palestra pronunciada em julho de 1947, portanto após a Segunda Grande Guerra e o único deste livro elaborado quando ele já morava na Palestina. O título foi *Individualismo e Coletivismo*, embora o que ele pretendesse fosse ir além dos dois conceitos porque essa lhe parece falsa alternativa. Ele explica (BUBER, 2008, p. 122): “trata-se de mostrar que estes ismos são uma ficção e que devem ser confrontados com a realidade, a realidade humana atual”. Considerado o homem como espaço do ser, no sentido da analítica existencial de Heidegger, a consequência é singular (BUBER, 2008, p. 122): “a tarefa do homem e do mundo, a saber, é tornar-se indivíduo,

intensamente e com toda a força.” E essa tarefa somente pode se realizar no espaço social, pois o homem não pode viver fora da sociedade. Quanto as relações sociais, as autênticas são aquelas feitas na condição de pessoa, onde é possível ser solitário e ao mesmo tempo manter vínculos com as demais. A alternativa que ele quer propor é (BUBER, 2008, p. 123): “homem com o homem é o terceiro elemento. Não mais um ismo, mas a realidade humana”. Trata-se de alternativa ao que existia naquele momento (BUBER, 2008, p. 125): “o primeiro, o individualismo, produto da imaginação, o segundo, o coletivismo produto da ilusão, são estes dois ismos vistos a partir da situação”. E tais equívocos nasciam numa sociedade de massas, que Buber agora caracteriza em termos orteguianos (BUBER, 2008, p. 125): “Há um enorme aparato que funciona de modo confiável, que proporciona aquilo de que o homem necessita, vale dizer, este não precisa mais responsabilizar-se nem por si próprio, nem pelo ser, nem pelos entes. Tudo será feito para ele, ele só deve oferecer-se, nada mais”. E quanto à base das relações, necessária à vida autêntica, Buber coloca no diálogo. Diálogo que é um encontro entre pessoas nos termos do Eu - Tu, pois não se dá (BUBER, 2008, p. 127): “na esfera fática, nem física, nem psicológica, e que é muito difícil de ser determinada”. Esse diálogo esclarece (BUBER, 2008, p. 127): “acontece na esfera específica do entre que utiliza as circunstâncias espaço-temporais e as inclui”. Esfera que expressa como em Ortega (BUBER, 2008, p. 127) “na vida mesma”.

Os sete textos que compõem este livro estão distanciados de mais de quarenta anos. Eles mostram a evolução de Buber nos estudos sociais e sua insistência em certos conceitos fundamentais. Destaque-se sua crença fundamental, presente em todos os textos, de que as relações humanas mais significativas são as que incluem a intimidade e a proximidade, daí suas referências à família e a aldeia como sendo os espaços humanos mais representativos da Comunidade, notando-se que Comunidade não se limita aos laços de sangue. Proximidade e intimidade contam mais para a Comunidade.

Os textos estão, pois, relacionados à questão social e muitos focam a relação entre o Indivíduo e a Comunidade. Essa é a questão fundamental que o culturalismo brasileiro, na esteira da Escola de Baden, herdou do idealismo alemão. Buber lhe dá tratamento próprio, mas não se pode perder as referências fundamentais das filosofias da vida e da fenomenologia existencial. Nessas teorias ele encontra os problemas e temas que o fazem pensar: homem situado, concretamente vivendo num espaço e tempo determinados, mundo singular de cada indivíduo que se completa nas relações intersubjetivas, pessoa concebida em termos éticos ou relacionais contra o indivíduo tratado isoladamente, desafio social resumido na noção de massa, massa entendida como agregado de indivíduos sem responsabilidade ética.

A problemática das massas aparece em Ortega y Gasset na chamada segunda navegação. Segunda navegação é o período em que o filósofo desenvolve a noção de razão histórica, desenvolvida com a leitura de Ser e Tempo, de Heidegger. Na sociedade de massas Ortega enxerga os elementos da crise de humanidade que se iniciou no século passado. Essa coincidência temática não é obra do acaso, ambos sofreram influência de Dilthey e Nietzsche, ou das chamadas filosofias da vida e da fenomenologia existencial, embora Martin Buber também tivesse outras influências como a mística judaica e do sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, de quem Buber retira a distinção entre a Sociedade e a Comunidade.